

SEGREDOS SAGRADOS

Angela Philippini¹

RESUMO

A autora relata experiências do processo arteterapêutico utilizando máscaras em grupos de adultos. Aborda relações entre persona e sombra revelada nestas atividades e o desvelamento de segredos sagrados da vida psíquica expressos pelos personagens criados a partir destas máscaras.

ABSTRACT

The authoress relates experiences of the art therapeutical process of using masks in groups of adults. She approaches the relations between persona and the shadow that has been revealed in these activities and the unveiling of the sacred secrets of the psychic life expressed by the characters that have been created through these masks.



“A vivência do símbolo tem as características de uma surpresa:
O consciente é tomado por um sentido que se impõe a ele e lhe
faz pressentir algo que até então ignorava.”

Corinha Maciel

Contar histórias em redor do fogo, contar segredos para um bom amigo, expor as vísceras no processo arteterapêutico. Em cada uma destas três atividades nós somos guiados pelo mesmo fio. Revelar e mostrar alguma coisa que estava escondida e mantida à parte.

Foi desta maneira, e ainda é, que as tradições iniciáticas, revelam e transmitem seus *Segredos Sagrados*. Esta é a maneira pela qual as pessoas, nos tempos pós-modernos contam seus segredos mais sagrados aos seus terapeutas ou quem sabe para aqueles bons amigos...

Mantendo este fio, que vai do individual ao coletivo, que nós nos lembramos que alguns segredos, por serem sagrados, devem ter condições apropriadas para serem revelados, pois, do contrário, a sua preciosa chama irá se apagar. Neste contexto, uma

das práticas arteterapêuticas parece fazer muito claramente a ponte entre o que é secreto e o que é revelado: *as máscaras*.

Neste momento, entramos no território teórico da abordagem junguiana, e vamos nos lembrar das duas inseparáveis companheiras, que são como as duas faces da mesma moeda: *a persona e a sombra*.

Assim, o que foi feito para cobrir, revela. Na materialidade dos procedimentos arteterapêuticos, a máscara claramente revela o que ela queria esconder.

Lembrando Nietzsche: “*Não há nada mais profundo do que a espuma do mar.*”

E não há nada mais revelador que as máscaras que escondem um rosto, sejam elas feitas com materiais de modelagem ou através de maquiagem.



Vou relatar algumas experiências com trabalho de máscaras, feitas com diferentes grupos de estudantes de Arteterapia e realizado em diversos lugares do Brasil, através da Clínica POMAR em seus grupos de formação em Arteterapia.

A estrutura do trabalho é similar em todos os grupos e começa com a explicação da parte operacional, da confecção da máscara e com a preparação do material que será utilizado.

Nesta primeira fase, alguns estudantes ficam incomodados com os vestígios que o material deixa no seu uso: pó e pingos de gesso. Como não usamos a técnica de modelagem com óleos ou creme para o rosto, usamos uma máscara de proteção para o rosto feita com papel alumínio.

Nesta segunda fase peço para os integrantes do grupo para trabalharem com outra pessoa. Uma das pessoas se deita, seu rosto é coberto com a máscara de papel alumínio e o(s) outro(s) modelam em seu rosto, usando tiras de gaze gessada molhada.

Nesta fase algumas pessoas fazem associações com máscaras mortuárias e falam a respeito do medo de asfixia e da sensação de claustrofobia. Alguns precisam ser reasssegurados através da demonstração com o material que a máscara de proteção feita com papel alumínio permite que, a qualquer momento, a máscara possa ser retirada para permitir uma respiração completa. Depois ela pode ser recolocada e o trabalho pode continuar.

Esta fase consiste no que é chamado o “osso da máscara” e os participantes são convidados a escrever a respeito das suas sensações, impressões e associações. Neste momento algum medo a respeito da aparência da máscara pode surgir e também algumas frases como:

- Ah! Eu não sou assim...
- Meu nariz é diferente!
- Quero fazer alguma coisa para melhorar a minha boca...

Nesta fase os participantes são estimulados a exagerar as imperfeições da máscara que surgiram nesta etapa da elaboração, com objetivo de abrir um caminho criativo guiado pelo acaso.

Mas poucos aceitam este desafio. Na fase seguinte a maioria tenta melhorar a máscara usando massa, trazer fazer rostos mais suaves, lábios e sobrancelhas sensuais, e alguns chegam a usar lixa para que a máscara tenha uma aparência mais uniforme.

Mas o processo criativo sempre faz a sua parte. A massa escorrega e não fica no lugar desejado, os lábios e sobrancelhas, em vez de sensuais insistem em tomar a sua própria forma. A tarefa de lixar a máscara para torná-la lisa e homogênea, muitas vezes provoca acidentes irreversíveis na superfície da máscara.



Quando esta fase termina, os participantes são mais uma vez convidados a aceitar as dificuldades e a fazer o melhor uso delas, permitindo que o acaso no universo da criação traga revelações e descobertas. Nesta fase alguns participantes começam a aceitar que nada será mais produtivo do que perder o controle e ser levado pelos caminhos do inconsciente, cuja revelação é facilitada através da impossibilidade das mãos controlarem integralmente o processo e da imprevisibilidade do trabalho criativo. No final desta etapa, a escrita criativa também é feita e a etapa seguinte é pintar a máscara e, se for desejado, colocar adereços que permitam que um personagem vá se delineando.



Para facilitar o aparecimento destes personagens, na fase seguinte usamos jornais e plásticos, e, através de técnicas de modelagem, criamos corpos de tamanho natural para estas criaturas.



Os integrantes do grupo são convidados a trazer de suas casas tecidos, adereços e tintas para junto com o material já presente no “*setting terapêutico*” dar uma forma final a estas criaturas.

Nesta etapa do percurso a imprevisibilidade do trabalho criativo continua a dar sua contribuição, porque, aparentemente, os personagens “*tem uma vida própria*”, pois quando são vestidos e ornamentados, apresentam formas que não tinham sido programadas anteriormente e, neste momento, quase todos os participantes já aceitaram o fato de que não podem controlar o processo e começam a interagir fascinados com a criatura



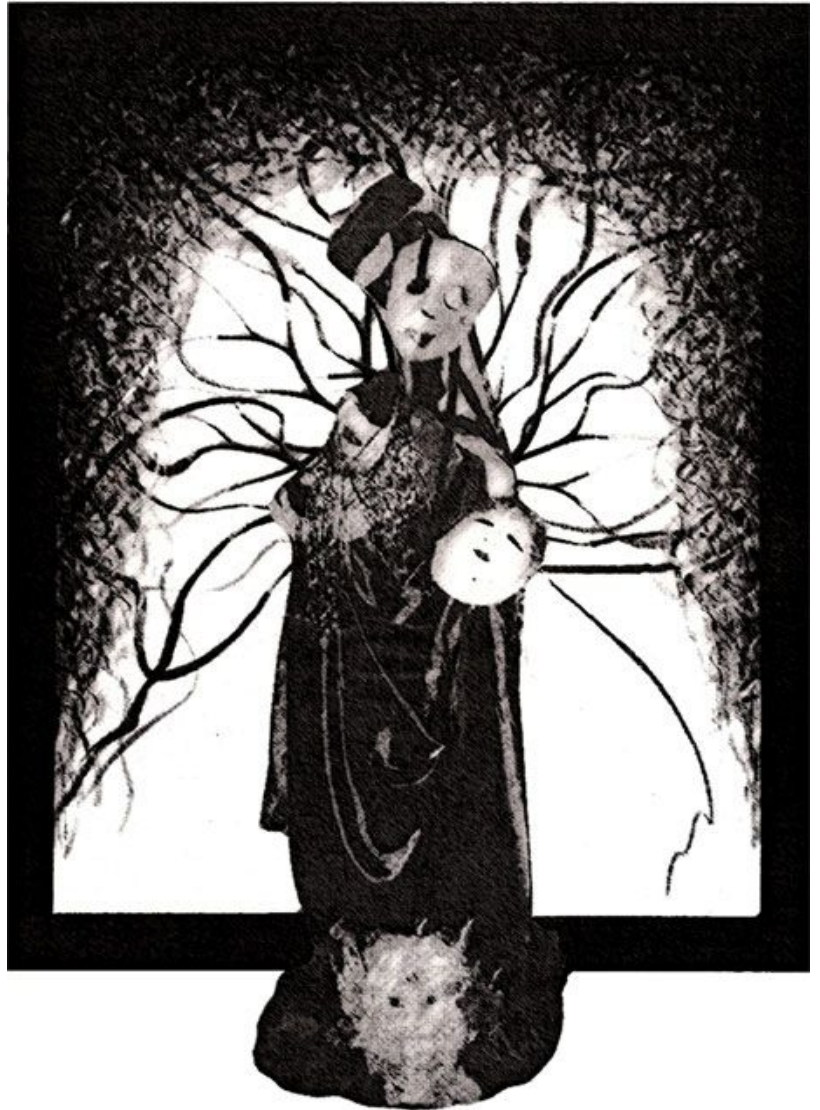
É pedido então, a cada participante que escolha um lugar, dentro do espaço de trabalho, para fazer uma instalação que inclua objetos pessoais do personagem, assim como uma caracterização do seu território simbólico.



Neste ponto do trabalho, ***Segredos Sagrados***, contidos na relação de cada um, com a multiplicidade de sua própria vida psíquica, estarão representados em uma de suas faces, pelo personagem que apareceu. Depois desta atividade, todos os participantes escrevem suas impressões e perguntas sobre os personagens criados, desta maneira dando e recebendo *feedback*.

Apesar de ter coordenado este exercício muitas vezes, eu nunca vi personagens da vida diária aparecendo. Invariavelmente, quem aparece são criaturas fantásticas, como super-heróis, fadas, bruxas, deusas, monstros, etc.

Estas experimentações acontecem no decorrer do curso de formação em Arteterapia e precedem e preparam para o estudo de Mitos e suas imagens, tema de vital importância para a compreensão do simbolismo a surgir em processos arteterapêuticos. Além deste objetivo, estas atividades propiciam desvelamentos significativos da própria subjetividade, pois criam uma condição propícia para o diálogo com personagens próprios, antes mergulhados na obscuridade.



REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS:

AFONSO H.L. da F., **Grupo-Fugacidade, Ritmo e Forma**. São Paulo, Ed. Ágora, 1988.

BUCHBINDER. **A poética do desmascaramento, os caminhos da cura**, São Paulo, Ed. Ágora, 1996.

MACIEL, C. **Mito Drama, o universo mítico e seu poder de cura**, São Paulo, Ed. Ágora, 2000.

PHILIPPINI, Angela. **Cartografias da coragem**, Rio de Janeiro, Pomar, 2000.

1- **ANGELA PHILIPPINI** é psicóloga CRP 05/1421, arteterapeuta, artista plástica, diretora da Clínica POMAR de Arteterapia, Master em Criatividade pela Universidade de Santiago de Compostela- Espanha, Coordenadora da Pós-graduação em Arteterapia do convênio POMAR/ISEPE, Coordenadora do Conselho Editorial da Revista Imagens da Transformação e Vice-Presidente da Associação de Arteterapia do Rio de Janeiro.